



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de investigación

2018

Aline Guimarães Bemfica

**A ERRÂNCIA ENTRE O DESEJO E O GOZO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO TRABALHO COM
ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS**

Revista Affectio Societatis, Vol. 15, Nº 28, enero-junio de 2018

Art. # 1 (pp. 13-34)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

A ERRÂNCIA ENTRE O DESEJO E O GOZO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO TRABALHO COM ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS¹

Aline Guimarães Bemfica²
Universidad Federal de Rio de Janeiro, Brasil
alinegbem@gmail.com
ORCID: 0000-0001-5812-4012

DOI: 10.17533/udea.affs.v15n28a01

Resumo

Neste artigo, aborda-se a relação entre errância, desejo e gozo na adolescência a partir do aporte da psicanálise freudiana e lacaniana. Nossa reflexão sobre este tripé se restringe neste artigo às inquietações surgidas na supervisão de caso de uma adolescente em cumprimento de medida socioeducativa de internação e atendida em um projeto de extensão universitária. Este caso é parte da inves-

tigação de doutorado em teoria psicanalítica, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual a presente autora abordou o tema da errância entre o desejo e o gozo e sua relação com o ato infracional na adolescência a partir da particularidade do desejo anônimo.

Palavras-chaves: adolescente infrator, errância, desejo, gozo, anonimato.

-
- 1 A sua tese de doutorado, defendida em 2017, foi intitulada “A errância entre o desejo e o gozo e sua relação com o ato infracional na adolescência”.
 - 2 Psicóloga. Psicanalista. Possui doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil). Consultório Particular.

LA ERRANCIA ENTRE EL DESEO Y EL GOCE: UNA REFLEXIÓN A PARTIR DEL TRABAJO CON ADOLESCENTES AUTORES DE ACTOS INFRACTORES

Resumen

En este artículo se aborda la relación entre errancia, deseo y goce en la adolescencia a partir del aporte del psicoanálisis freudiano y lacaniano. Nuestra reflexión sobre esta triplete se restringe en este artículo a las inquietudes surgidas en la supervisión del caso de una adolescente en cumplimiento de medida socioeducativa de internación y atendida en un proyecto de extensión universitaria.

Este caso es parte de la investigación de doctorado en teoría psicoanalítica, en la Universidad Federal de Río de Janeiro, en la cual la autora abordó el tema de la errancia entre el deseo y el goce en su relación con el acto infractor en la adolescencia a partir de la particularidad del deseo anónimo.

Palabras clave: adolescente infractor, errancia, deseo, goce, anonimato.

WANDERING BETWEEN DESIRE AND *JOUISSANCE*: A REFLECTION FROM THE WORK WITH ADOLESCENTS RESPONSIBLE FOR INFRINGING ACTS

Abstract

This paper addresses the relation between wandering, desire and *jouissance* from the contribution of the Freudian and Lacanian psychoanalysis. Our reflection on this threesome is restricted, in this paper, to the con-

cerns raised in the supervision of the case of an adolescent in compliance with socio-educational measure of internment and assisted in a university extension project. This case is part of the doctoral research in psychoa-

nalytic theory, at the Federal University of Rio de Janeiro, in which the author addressed the topic of wandering between desire and *jouissance* in its relation to the infringing act in

adolescence from the particularity of the anonymous desire.

Keywords: adolescent offender, wandering, desire, *jouissance*, anonymity.

L'ERRANCE ENTRE LE DÉSIR ET LA JOUISSANCE : UNE RÉFLEXION À PARTIR DU TRAVAIL AVEC DES MINEURS INFRACTEURS

Résumé

Cet article aborde la relation entre errance, désir et jouissance dans l'adolescence, basé sur la contribution de la psychanalyse freudienne et lacanienne. La réflexion à propos de cette triade se focalise sur les inquiétudes soulevées lors du suivi du cas d'une adolescente, bénéficiaire d'un projet d'assistantat universitaire, placée dans un établissement de réadaptation sociale. Ce cas fait partie

de la recherche doctorale en théorie psychanalytique à l'Université Fédérale de Rio de Janeiro. L'auteur y aborde la question de l'errance entre le désir et la jouissance et sa relation à l'acte d'infraction dans l'adolescence, à partir de la particularité du désir anonyme.

Mots-clés : mineur infracteur, errance, désir, jouissance, anonymat.

Recibido: 12/04/17 • Aprobado: 26/06/17

Introdução

A contemporaneidade é caracterizada pelo declínio das instituições tradicionais, entre elas, a família, o Estado e a Igreja, pelo enfraquecimento das figuras de autoridade, pelo desaparecimento parcial dos rituais de iniciação na juventude, pela crise – radicalizada nesses tempos sombrios – da legitimidade da lei e da justiça, pelo progresso da ciência, pela ascensão da cultura do consumo, pela cultura da imagem (Coutinho, 2009). Por sua vez, segundo Hoffmann (2004), a juventude é o segmento populacional que vem encarnar as alterações de nossa época, servindo como um termômetro de nosso tempo, posto que a subjetividade é construída na topologia entre a singularidade e a cultura.

Em relação à adolescência, a abordagem de Sigmund Freud (1905) sobre “as transformações da puberdade” e as teorizações lacanianas sobre o despertar da adolescência, conforme indica Ramírez (2014), em seu livro *Despertar de la adolescência: Freud y Lacan, lectores de Wedekind*, situam os efeitos de angústia do despertar do sonho infantil. O citado autor aborda essa temática a partir da seguinte questão: “Ali onde os fenômenos de sentido, imaginários e simbólicos, convidam o sujeito adolescente a seguir dormindo, seu despertar pulsional implica um despertar para o real?” (p.14, tradução nossa).

Nesta direção, em meu trabalho de doutorado indiquei que, para alguns adolescentes, o despertar da puberdade produz um sentimento de des-ancoramento em relação ao Outro que o circunda. Pois, se a infância se configura como o momento em que os pais eram a única fonte de autoridade moral, conhecimento e modelo ideal a ser seguido pela criança, contrariamente, o que se inaugura com a puberdade é o imperativo do adolescente se distanciar do ideal parental ao colocar em questão o lugar com o qual estava identificado. Esse trabalho que concerne ao adolescente foi apresentado por Freud (1936), no ensaio intitulado “Um distúrbio de memória na Acrópole”, a partir de uma reflexão sobre a necessidade do adolescente se distanciar e se separar de sua família, ou seja, de ir além do pai.

Entretanto, este trabalho da adolescência irá conhecer particularidades de acordo com cada época e com cada contexto social. Por exemplo, a juventude da época freudiana foi aquela situada na leitura de Walter Benjamin (2015) a partir do *flâneur*, essa figura moderna que encontrou na rua um refúgio para as suas questões existenciais (p.73). Para Benjamim, a figura do *flâneur* porta a ideia de ruptura dos jovens com o modo de vida burguês. Essa ruptura produziu, como consequência, a conquista das ruas que se tornaram um lugar possível para acolher a inquietude, a existência instável e o sentimento do jovem de ser desapossado de sua vida no momento em que suas referências parentais declinaram.

No caso dos adolescentes autores de atos infracionais e errantes, a questão da existência instável, do sentimento de desapossamento em relação à sua vida e de des-ancoragem em relação ao Outro familiar e social vai além do declínio das referências parentais que caracteriza a passagem da adolescência à vida adulta. Pois, o contexto de vida de muitos jovens envolvidos com a criminalidade e em errância é marcado pela violência, pela ineficácia das instituições reguladoras, entre elas a família, a educação e a justiça. Ao abordar a especificidade dos adolescentes em situação de errância, conforme propõe Douville (2002), é preciso considerar que:

Ela demanda uma atenção particular, pois, ao invés de constituir um sintoma a decifrar, a errância deve, antes, ser situada como uma falta de inscrição e, mais especificamente ainda, como a impossibilidade do sujeito para superar uma falta de inscrição no que concerne a seu ser e também à sua filiação. (p.77).

Assim, especificamente no contexto de trabalho com os adolescentes errantes e autores de atos infracionais, o citado autor indica que a errância pode ser entendida como uma resposta subjetiva que se refere à falta de inscrição ou pertencimento simbólico do adolescente no campo do Outro social e familiar. Essa abordagem da errância me remete, no trabalho clínico com o adolescente, à leitura lacaniana do laço do adolescente com o Outro, tal como será, parcialmente, apresentada a seguir.

O encontro com a puberdade e o despertar da estrangeiridade do gozo

Em seu escrito “Prefácio a *O despertar da primavera*, de Franz Wedekind”, Jacques Lacan (1974/2003) aborda o testemunho do jovem Melchior sobre o “fim da inocência” (p.1) que marca a sua entrada na puberdade e enfatiza duas respostas apresentadas pelos adolescentes, a saber, o laço com o Outro e o exílio do Outro que insere o adolescente no território dos não-tolos, estes que erram. Com essa referência, Jacques Lacan situa tanto a dimensão do estrangeiro a qual o adolescente é convocado neste momento do encontro com o real da puberdade, como para a construção dos laços que incluem a alteridade e o desejo.

O que é universal nessa peça é o impasse que o encontro com o gozo, o corpo e a morte, esses três nomes do real, apresenta para cada adolescente. O que é singular, em contrapartida, é a resposta que cada adolescente pôde dar a isso que sobrevém a ele como estrangeiro, desconhecido, ou seja, a irrupção de um gozo, apresentado por Ramírez (2014) como “um despertar que inclui o corpo, já não unicamente como imagem, mas também como sede de gozo. Ali acontece uma passagem entre o menos de gozo na infância para um mais de gozo na puberdade” (p.11). É o corpo como sede de gozo que atormenta Wendla, Melchior e Moritz. Diante desse gozo que se precipita aos adolescentes, uns recorrem ao saber do Outro e, Moritz, sai da cena do Outro. O livro “*O Coito*” testemunha, segundo a interpretação dos educadores, a depravação desses jovens em suas investigações sexuais. Para eles, foram essas investigações que levaram Moritz a cometer o ato criminoso de suicídio.

No final da peça, um “homem”, o “homem mascarado”, aparece na cena. Melchior, atordoado, conversa com este que agora ocupa o reino dos mortos, Moritz. O homem mascarado lhe diz que pode lhe dar a mão porque ele sabe das coisas. Melchior seguirá seus passos. Wendla descobre que há mais coisas além do que sua mãe lhe disse. Moritz continuará no reino dos mortos, no reino dos tolos, daqueles

que erram. A reflexão lacaniana sobre essa passagem, a partir do estatuto do homem mascarado, esse elemento solitário que faz, entretanto, a função de guia, de orientação a Melchior, indica que se há uma variedade dos Nomes-do-Pai é porque nenhum deles é o Nome-do-Pai, ou seja, estamos no território dos semblantes e do artifício. Segundo Lacan (1974/2003):

Mas o pai tem tantos e tantos que ele não tem Um que seja conveniente, se não o Nome de Nome de Nome. Não há um Nome que seja seu Nome-Próprio se não o Nome como ex-sistência. Ou seja, o semelhante por excelência. (p.561).

Pensar a clínica psicanalítica a partir da perspectiva da pluralização dos Nomes-do-Pai acima situada me parece ser fundamental neste tempo do encontro do adolescente com a puberdade. Pois, o encontro com a puberdade implica, para o adolescente, um redimensionamento de seu lugar no desejo do Outro, o luto de seu corpo infantil e a reconstrução de sua imagem no meio familiar e social.

O encontro com a puberdade marca também o momento em que o adolescente é incitado a um confronto com a sua estranheza própria e singular, a estranheza do gozo e do corpo para a qual ele desperta. Essa estranheza com a qual o adolescente é confrontado, especialmente nos casos em que a função parental não está dada como ancoragem para o mesmo, me leva a situar a importância dos artifícios a serem construídos pelos adolescentes no mapeamento dos territórios de seu desejo e de seu gozo.

Sobre o desejo anônimo e seus efeitos no tempo de adolecer

As particularidades do encontro com as transformações da puberdade acima demarcadas, articuladas à questão do desejo anônimo, situam a minha abordagem da errância entre os territórios do desejo e do gozo. Indiquei, no trabalho de doutoramento já referido, que o desejo anônimo engendra um Outro dotado de uma poderosa consistência

imaginária na cena da adolescência. Pois, quando o Outro do desejo não comparece, o adolescente não consegue se situar a partir daquilo que o particulariza. Assim, ele fica mais exposto à dimensão dual e especular da vida psíquica e aos excessos pulsionais fomentados pelo imperativo de gozo, veiculador uma lei insensata que, ao invés de regular o gozo, o incita, tal como conceitua Jacques Lacan (1971):

Qual é a prescrição do supereu? Ele se origina precisamente nesse Pai original mais do que mítico, nesse apelo como tal ao gozo puro, isto é, à não-castração. Com efeito, que diz esse pai no declínio do Édipo? Ele diz o que o supereu diz. Não é à toa que ainda não o abordei até agora. O que o supereu diz é: goza! (p.166).

Na esteira do pensamento e do ensino lacaniano, Miller (2012) esclarece que “se o supereu interessa a Lacan é precisamente porque é uma função que faz contraponto com a do Nome-do-Pai. E o Nome-do-Pai é uma função coordenada ao desejo, o supereu é uma função coordenada ao gozo” (p.134). Essa mudança de perspectiva da leitura sobre o supereu, segundo Miller (2011), acompanha a perda da autonomia do simbólico no ensino lacaniano. Por sua vez, conforme o autor acima citado, com o declínio da autoridade paterna, o supereu passou a ser apresentado como aquele que “emerge de um tal fracasso simbólico e toma a figura de gozo imaginário” (p.89). O gozo imaginário potencializa o território dos duplos, da indiferenciação entre o sujeito e seus outros tendo, portanto, uma dimensão mortífera e alienante.

Em “Nota sobre a criança”, a partir da localização da irredutibilidade da transmissão de um “desejo que não seja anônimo” (p.329) Jacques Lacan (1969/1998) precisa o que se trata na função de particularizar o *infans*. A irredutibilidade de uma transmissão que afirme o desejo não-anônimo, apresentado como a função de resíduo da família, indica que o desejo particulariza o sujeito ao fazer vacilar o lugar que a criança é convocada a ocupar, o de objeto da fantasia materna. Este lugar de objeto da fantasia materna foi apresentado por Jacques Lacan (1956-57), quase dez anos antes, em seu seminário *As psicoses*, livro 3, a partir da referência ao que ele intitulou como o “jogo da ta-

peação” (p.232) no qual a criança se confunde com o objeto da satisfação materna, visto que dotada da função inglória de revelar a verdade do objeto *a* na fantasia materna. É nesse sentido que a mãe, um dos nomes do gozo, deverá sofrer o interdito do Nome-do-Pai que permite metaforizar o seu desejo mediando, assim, a relação do sujeito com a realidade.

Para Lacan (1969/1998), quando esse processo se passa razoavelmente, “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (p.369). Ou seja, o sintoma representa a verdade do casal familiar (p.369) e este seria, segundo Lacan, o caso mais acessível às intervenções do psicanalista. Entretanto, nos casos em que o sintoma da criança prevalece como decorrente da subjetividade da mãe, quando a criança está implicada, sem balizas, como objeto da fantasia materna, o trabalho do analista conhece outras dificuldades que se referem à exposição da criança às capturas fantasísticas de várias ordens, na medida mesmo em que “ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for a sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica” (p.369).

Esta reflexão sobre o desejo anônimo e seus efeitos sobre a subjetividade aponta para o que Lesourd (2004) afirmou predominar na juventude infratora hoje em dia, a saber, menos as questões da rivalidade edipiana com o pai, e mais a “questão arcaica da existência do eu diferenciado do outro” (p.158) produzindo “uma delinquência do gozo arcaico com a mãe” (p.158).

Ou seja, alguns comportamentos infracionais na adolescência estão vinculados a uma confusão mortífera entre o eu e o outro ou a uma indissociação do sujeito em relação ao gozo materno. Assim, a partir da formalização do caso clínico que intitulei “Aquela que está em qualquer lugar”, proponho apresentar alguns dos efeitos dessa indiferenciação na adolescência e os desafios colocados à prática da psicanálise implicada no trabalho com os adolescentes autores de atos infracionais.

Antes de passar à discussão clínica propriamente dita, eu gostaria de dizer que a adolescente em questão foi, durante o período de seis meses, atendida no projeto de extensão universitária, “Já é Clínica”, da Universidade Federal de Minas Gerais. Este projeto oferece atendimento clínico aos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação e atendeu, no percurso de quatro anos, de 2012 a 2016, trinta e quatro casos de adolescentes com percurso infracional, sendo em média vinte adolescentes do sexo masculino e quatorze do sexo feminino. Esses jovens foram submetidos à aplicação da medida socioeducativa de internação, executada pelo Estado de Minas Gerais – Secretaria de Superintendência de Medidas Socioeducativas (SUASE).

A demanda dos jovens para serem atendidos pelo psicólogo voluntário do projeto “Já é!” não passa pela imposição jurídica. O adolescente chega até esse projeto porque demandou atendimento clínico à instituição na qual se encontra ou porque veio encaminhado por uma demanda da própria instituição. Quando a demanda é institucional, é realizada uma conversa com o técnico responsável pelo encaminhamento de forma a esclarecer e a compreender o que está em questão no encaminhamento realizado e na demanda apresentada. E, nas entrevistas iniciais realizadas com o adolescente, antes que o seu acompanhamento seja formalmente iniciado, verifica-se se há, ou não, de fato uma demanda de tratamento por parte do adolescente.

Nesta parceria estabelecida entre a universidade e a Secretaria de Superintendência de Medidas Socioeducativas (SUASE), trabalha-se também com encontros semestrais para a discussão do fluxo dos adolescentes e sua inserção no projeto. Quando um adolescente é acompanhado, de acordo com cada caso, propõe-se algumas conversas com a equipe da socioeducação, especialmente quando há necessidade de encaminhamento do adolescente para algum curso ou atividade. Paralelamente ao trabalho do profissional voluntário que acompanha o adolescente, tem-se disponível os dispositivos de supervisão clínica quinzenal e a formação teórico-clínica oferecida a toda equipe de trabalho. Feita essa breve apresentação do projeto de extensão “Já é Clínica”, passo agora à apresentação do caso da adolescente acompanhada.

“Aquele que está em qualquer lugar”¹

Conforme ensina Célio Garcia (2011), “não é porque há uma pré-constituição do sujeito ao nível do Outro que ele esteja condenado a nada fazer, ou a agir sempre da mesma maneira no seu embate com o Outro” (p.30). Orientada por essa referência ética, neste momento, analisarei o caso de uma adolescente que esteve em acompanhamento pelo período de seis meses, durante parte do tempo do cumprimento da medida socioeducativa de internação.

Luana, nome fictício, demandou ser encaminhada ao projeto “Já é!”² devido à dificuldade de relacionamento que tinha com as colegas dentro da instituição de internação. A adolescente recebeu a medida de internação, aplicada por um Juiz da Vara da Infância e da Juventude, devido a um ato de violência contra uma outra adolescente que ela havia tentado esfaquear, porque ela havia falado mal dela, deixando-a, diz a adolescente, “fora de si”.

No decorrer dos atendimentos com o técnico voluntário do programa “Já é!”, a adolescente diz que precisa falar de um outro ato que tem a ver com o problema que ela enfrenta em sua família. Ela havia tentado matar o seu padrasto, com quem a convivência era muito ruim. A adolescente localiza algo em sua história que lhe faz enigma e, assim, esboça uma primeira demanda de tratamento.

1 Este caso foi atendido por Guilherme Deldebbio durante a sua participação no projeto de extensão “Já é Clínica”. O relato acima foi construído a partir das supervisões por mim realizadas e da formalização do acompanhamento deste caso pelo psicanalista acima citado, a quem, aqui, agradecemos. Este caso foi também por ele apresentado no seminário “Adolescência em tempos de Guerra”, VII, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, sob coordenação da professora Dra. Andréa Guerra.

2 Projeto de extensão universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Psicologia. Este projeto foi idealizado e coordenado pela professora Dra. Andréa Guerra e contou, no período de quatro anos, com a contribuição de Aline Bemfica como coordenadora metodológica e supervisora clínica dos casos acompanhados.

No centro socioeducativo, Luana atuava sem parar, quebrava as coisas, agredia os outros, queria tudo na hora e sem intervalos. A adolescente se refere à sua impetuosidade da seguinte maneira: “não suporto esperar o tempo das coisas”. A adolescente demandou atendimento porque tinha medo de que voltasse a cometer novos atos, pois, conforme esclarece, “sempre vejo muita maldade nos outros, me sinto ofendida com facilidade, e, assim, ofendo os outros, parto para cima”.

A partir desses primeiros atendimentos, formulei a hipótese segundo a qual, quando o outro especular a invade, inserindo-a no território da rivalidade, o “fora de si” é o que aparece em cena. Nesse sentido, o seu ato apresenta, inicialmente, um índice de sua dificuldade de se diferenciar do outro, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, produz, em ato, uma separação. Segundo as palavras da adolescente, ela possui um “psicológico fraco”, pois “não consegue dominar seus impulsos”. Ela acha mesmo que apenas quando conseguir mapear o seu psicológico é que terá condições de sair da internação. A internação faz, neste caso, uma função de contenção para essa jovem que passa a interrogar o excesso presente na afetação que o outro lhe causa?

Ao relatar a sua história, a adolescente se refere ao momento em que seu pai, em torno de seus dez anos de idade, se separou de sua mãe. Três anos depois, sua mãe arrumou um namorado e parou de lhe dar atenção. Segundo a adolescente: “eu podia ir para qualquer lugar e chegar a hora que eu quisesse”. Antes da separação de seus pais, as coisas eram diferentes em sua vida. A sua mãe era presente, incentivava-a a estudar e fomentava seu sonho de ser guarda-mirim.

No tempo de sua adolescência, Luana passou a estar cada hora em um lugar, sem ter que se preocupar com seu retorno para casa. Arrumou um namorado, um jovem traficante da região, e foi morar com ele. A jovem afirma: “não tardei a entrar em um mundo sedutor, no qual havia armas, drogas e festas”. Esses objetos, entretanto, não substituíram o desamparo que ela se encontrava em face ao anonimato do desejo do Outro materno. Pois, tal como relata a adolescente, em

sua adolescência, a sua relação com a sua mãe sofreu uma grande modificação. Ela deixou de ser o centro da atenção materna, ficando à deriva. Em relação ao mundo sedutor que ela conheceu em sua adolescência, Luana o nomeia como “um vício”. Luana, nesse momento, não tinha muita coisa com o que contar: não tinha escola, nem trabalho. Às vezes ia para casa da sua mãe. Falava para a sua mãe que não voltaria para o morro. Entretanto, no dia seguinte, segundo afirma: estava “enfiada lá de novo. Nem polícia conseguia me tirar do morro”.

Nessa época, seu namorado foi morto. Ao seu ver, tratou-se de um “crime passional”, pois o rapaz que matou seu namorado, um traficante importante do morro, gostava dela. Segundo relata a adolescente, “foi uma perda muito dura”, pois ela e seu namorado faziam “tudo junto”, eram “grudados”, tal como ela e sua mãe. Para Luana, a relação com seu namorado lhe dava a ilusão de completude. Ela se refere a essa relação da seguinte maneira: “Ele era, sem dúvida alguma, a pessoa mais importante da minha vida. Com ele, eu não precisava de mais nada”.

Para esta adolescente, a morte de seu namorado foi terrível. Ela diz: “um vazio sem tamanho ocupou a minha vida”. Segundo as suas palavras, ele era uma pessoa com “muita maldade”, mas a amava. Antes dessa relação, ela se considerava “boba e pura” e, afirma a adolescente, “quando ele morreu, me tornei valente e má como ele”. A tentativa de homicídio contra o padrasto ocorreu nessa época. Ela, segundo afirma, “já não tinha nada a perder”. A partir de então, a única coisa que sabia era que as pessoas tinham medo dela. A adolescente afirma: “sou como a minha mãe, eu não aviso que faço, eu vou lá e faço”.

Após a morte de seu namorado, Luana passa a se identificar com ele. A minha hipótese é que a identificação com o traço de seu namorado vem fazer uma função de suplência que se antecipa ao trabalho de luto pelo qual essa jovem deveria passar. A relação de Luana com seu namorado não repete, com novos custos, a relação estabelecida com seu Outro materno?

Se, em um primeiro momento, essa adolescente estava no lugar de falo imaginário de sua mãe, em um segundo momento, é a afânise de seu desejo, face ao qual ela se desertifica, que parece desencadear a sua errância. Quando essa jovem encontra a mulher e não a mãe, ela, caída da cena materna, inicia a sua errância. Durante o seu tratamento, a adolescente localiza, a partir da entrada em seu discurso da presença de sua tia, irmã de sua mãe, um lugar que lhe diz respeito. A sua tia era cabelereira. Luana, por sua vez, era quem cuidava das garotas na internação, arrumava seus cabelos, se fazia, às vezes, de “profissional da beleza”. Esse traço familiar lhe pertence. Pois, trata-se de uma herança vinda do campo do Outro na qual ela se ampara.

Trata-se de um traço que a singulariza no campo do Outro familiar e social e de um artifício no qual ela pode se apoiar para construir uma outra direção, uma outra rota para a sua vida, na medida mesmo em que pode ser particularizar deslocando-se, assim, do anonimato no qual se encontrava.

Para além do enquadre edípico, o desejo do analista?

No caso trabalhado, tal como apresentado, certo abandono parental se presentifica, agravando as condições da existência desta jovem ao colocar em jogo o valor de sua existência no campo do Outro. Entretanto, esse “abandono”, tal como afirma Maria Rita Kehl (2003) não equivale a sustentar uma equação causal entre família desestruturada, ato infracional e errância na vida desses adolescentes. Muito pelo contrário, quando falo de abandono me refiro ao que a citada autora acima nomeia como um abandono moral. Ou seja, o abandono da responsabilidade parental que se refere a não deixar as crianças e adolescentes à mercê de seus próprios impulsos, de sua fragilidade e de sua onipotência infantil.

Nesta mesma linha de discussão, ao refletir sobre a transmissão dos valores, dos ideais e do interdito na família, Julien (2000) situa o deslocamento da vida privada à vida pública e seus efeitos sobre a conjugalidade e a parentalidade, enfatizando o declínio da imagem

social do pai, a mestiçagem étnica e a subversão da linhagem como as grandes mudanças, iniciadas com a modernidade e radicalizadas na contemporaneidade, na família. A partir dessas características, o autor insere a seguinte questão aos psicanalistas: restaremos na nostalgia do pai sustentada pela ideia de decadência moral e dissolução do indivíduo? Ou, longe de tentar “reatar o fio rompido da tradição” (p.21), seguiremos na brecha aberta pela modernidade?

A relação entre o sujeito no mundo com seus outros, ou seja, a relação familiar e social, se estabelece sobre o fundo de uma dissimetria, de uma alteridade, sendo essa alteridade que, paradoxalmente, possibilita a criação de um laço social. Nessa direção, Alberti (2009) situa e esclarece o lugar da psicanálise no mundo a partir do alerta de que esta não é uma técnica do “enquadramento edípico”, pois, entre todas as coisas que Freud transmitiu com a sua pena interessa, sobremaneira a percepção da falha da função paterna.

Essa falha/carência da função paterna é retomada por Guerra e França Neto (2012) em relação aos limites da organização edipiana na vida desses jovens que parecem ocupar o campo do Outro a partir da existência de uma “intermitência entre laço e desenlace” no campo social (p.491). Essa forma do adolescente habitar o laço social introduz uma reflexão sobre as sociedades não mais regidas pela organização tradicional edipiana com seus novos arranjos e organizações familiares. Por outro lado, esses novos enlaces no campo social, na medida em que são intermitentes, colocam, mais do que nunca, em questão a função do desejo do analista no trabalho implicado com os adolescentes, na medida em que, anuncia Jacques Lacan (1964), em seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, livro 11: “O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de assujeitar a ele” (p.260).

Nestes territórios em que a condição do adolescente como objeto-dejeto se impõe, visto que ele resta alhures ao desejo do Outro que a ele se apresenta anonimamente, me parece importante reto-

mar, com Miller (2011), a função do desejo do analista em contraposição aos perigos da psicoterapia autoritária. Essa reflexão tecida acima sobre a diferença entre a prática psicanalítica e a psicoterapia autoritária partiu de uma discussão do citado autor sobre a psicanálise aplicada.

Ao acompanhar algumas práticas clínicas desse campo de aplicação, Miller se refere a uma nítida explicitação do desejo daqueles que acompanhavam os casos atendidos em instituições, na medida mesmo em que se evidenciava que esses operadores “quando estavam diante dos sujeitos não pensavam nem um pouco em trazê-los de volta à norma e encontravam a norma no próprio desejo que lhes era comunicado nas entrelinhas” (p.34). Essa observação o levou a retomar o que está em questão no desejo do analista, a saber, a dimensão de seu ato, o ato analítico, que não consiste em um fazer, mas em autorizar o fazer do sujeito, de forma que este possa entrar na rota de suas associações, em “rota livre”, esta que “faz voltar as lembranças, que [...] remete o passado ao presente e que desenha, a partir daí um futuro” (p.35).

A partir dessa reflexão, Miller avança em sua abordagem do desejo do analista para dizer o que não concerne à sua função, a saber: a sua função não é fazer o bem, ela não se refere ao desejo de colocar o sujeito em conformidade com o social, assim como, a função do analista não equivale ao desejo de curar o paciente. O desejo do analista, que nada tem a ver com o desejo de ser analista, elucida Miller, contrariamente, visa localizar a singularidade do sujeito, a sua diferença absoluta.

Nesse sentido, a responsabilidade da psicanálise consiste em sustentar uma posição subversiva, ou seja, que faça resistência ao paradoxal enquadre das identificações e dos ideais em declínio que imperam sobre a juventude com toda a sua potência alienante. Ou seja, é responsabilidade da psicanálise situar o real do desamparo como princípio e trabalhar na vertente da construção do sintoma ali mesmo onde a errância entre os adolescentes é uma primeira resposta subjetiva que demonstra, por um lado, a relação com a alienação ao desejo

do Outro e, por outro, uma tentativa primeira de separação do lugar anônimo que o Outro familiar e social delega.

No escopo da responsabilidade da psicanálise está também a tarefa de sustentar um desejo não anônimo no trabalho com os adolescentes acompanhados, de forma que eles possam encontrar um suporte para mapear os territórios imaginários e simbólicos a partir de onde respondem ao real em jogo em suas vidas. Assim, entendo que é preciso ir além do predicado que encarcera os modos de vida, é inevitável suspender o verbo e convidar o sujeito a tomar seu posto de autoria e responsabilidade pela sua própria condição alienada ao Outro e dele separada, não-todo alienada.

Esta nos parece ser a posição lacaniana na abordagem do tema da responsabilidade da psicanálise pela via do desejo. Pois, tal como sintetiza Jacques Lacan (1964-1964-1965/2006), no seminário *Problemas Cruciais para a psicanálise*, o psicanalista é aquele que se encontra em uma posição responsável e confiada a uma conversação ética radical, na medida mesmo em que introduz o sujeito na ordem do desejo.

No território dos adolescentes em errância: o sujeito e o cidadão

O que caberia à psicanálise, com sua ação e sua ética, no trabalho com os adolescentes infratores em errância? Célio Garcia precisa o lugar da psicanálise em uma tensão constante entre o cidadão (sujeito de direitos e deveres) e o sujeito (sujeito do desejo), ao esclarecer, inicialmente, aos profissionais do “campo psi”, sobre a importância do não desconhecimento da trajetória de exposição às situações de risco social na vida desses jovens e, tampouco, do desconhecimento dos efeitos das contingências desastrosas que atingiram suas vidas pessoais, entre elas, as situações de desagregação do grupo familiar, a ausência do genitor, o desemprego e as condições precárias de sobrevivência. Assim, Garcia (2011) afirma:

Por conseguinte, o cidadão é aquela dimensão comum da comunidade, é o qualquer um; o sujeito, por outro lado, é raro, ele resulta

de uma opção, de um acontecimento ao qual ele é fiel, e com isso ele se mostra na sua autonomia. Temos, aqui, uma questão política, pois há uma tensão entre o cidadão e o sujeito. (p.66).

Sustentar essa tensão significa, ao meu ver, manter viva a importância do acionamento do sujeito na prática clínica no trabalho com os jovens que, com sua errância, produzem, paradoxalmente, um circuito pela rede de serviços públicos com os quais, por vezes, estabelecem laços, se organizando a partir de uma certa rede discursiva no campo do Outro. Nessa tensão, a singularidade que a psicanálise pode imprimir no trabalho com o adolescente inclui um certo frente-a-frente com a lei que, esclarece Garcia (2011), não se resume ao âmbito jurídico, ao encontro com o juiz.

Para a psicanálise trata-se da lei do pai, da lei singular a cada um, da lei do desejo, que requer uma implicação do adolescente com a sua responsabilidade subjetiva para além de sua responsabilidade jurídica. Isso porque um adolescente pode cumprir satisfatoriamente a sua medida e não se responsabilizar subjetivamente pelo seu ato e pela sua posição em face a esse ato. Por exemplo, muitos adolescentes respondem prontamente a todos os critérios de uma medida socioeducativa: voltam a estudar, cumprem com o tempo previsto de sua sanção, falam aquilo que os técnicos e os juízes querem escutar e, assim, cumprem a sua medida socioeducativa.

Mas isso, de forma alguma, implica a responsabilidade subjetiva do sujeito que só é possível quando o adolescente toma uma posição em seu discurso, ou seja, se posiciona subjetivamente no território conflituoso de seu gozo e de seu desejo no campo do Outro. Digo isso porque, ao tomar uma posição em seu discurso, o adolescente pode, em alguns casos, redimensionar a dimensão do ato infracional em sua vida, subjetivando a lei que faz, para ele, limite ao gozo. Dessa forma, me parece importante trabalhar com o adolescente no sentido de dar lugar ao vazio que o estrutura e à sua errância, possibilitando que ele possa se posicionar a partir de sua própria voz, de forma que algo novo se inscreva em sua vida.

A decisão de acompanhar um adolescente, de sustentar com ele a construção de um caminho, de percorrer lacunas e coordenadas de uma história tantas vezes fragmentada, perturbada, atravessada por contingências duras e irreversíveis, pode tornar possível um trabalho de simbolização do adolescente sobre o que lhe causa sofrimento, dando-se lugar para o real em jogo em cada caso, que deve operar como um guia em cada trabalho, a cada vez, com cada jovem. Trata-se, enfim, de trabalharmos com os adolescentes em errância na direção da construção de sua posição desejante.

Na perspectiva da construção de uma posição desejante por parte do adolescente, retomamos a questão colocada por Brousse (2011): “Por que é que ele vem?”. No caso de Luana, entre o anonimato do Outro e o completamente “fora de si” que a singularizava, em sua errância, ela encontra, primeiramente, o amor. Um amor narcísico, colado, imaginário, como o amor por sua mãe. Com o argumento de que seu “psicológico era fraco”, essa jovem demanda ser escutada. Do que fala essa jovem? Porque ela vai ao encontro de um analista? Essa jovem fala do amor, do desamor, da falta de limite em relação ao outro, de como se cola no outro, não sem agressividade. Ela não quer falar do seu ato agressivo contra a menina que atacou. Mas da tentativa de assassinato de seu padrasto. Ele percorre em sua fala o deserto materno, o inferno que é para ela a relação com o outro, os significantes que usa para se defender do outro que se lhe apresenta ameaçador, esse outro especular que a invade, inserindo-a no território da rivalidade e a deixando “fora de si”. Ela está fora de si, paradoxalmente, quando não se separa do seu outro especular. E, é nesse sentido que Luana erra de duplo em duplo, ora atacando, ora sendo atacada.

No caso de Luana, que demonstra a potência do imaginário e sua relação com a errância, a oferta da escuta psicanalítica contribuiu para essa jovem, primeiramente, se posicionar em relação ao seu ato, pois ela sabe que algo se precipita nela e sabe também que não se controla quando fica “fora de si”. Mas, o que particulariza essa adolescente no campo do Outro? Para essa jovem, é a recuperação de algo menos nocivo da herança materna, alocada a partir de sua tia que aceita aco-

Lher essa jovem, que apresenta um índice de sua particularização no campo do Outro, um Outro que lhe dê abrigo para que dele, posteriormente, quem sabe, ela possa se separar. Esse índice de separação faz barreira a sua errância que, para Jacques Lacan (1973-1974/1995), se refere a ser estrangeiro em relação à sua própria vida.

Conclusão

Iniciei este artigo localizando algumas especificidades de nossa contemporaneidade e demarcando, a partir do aporte freudiano e lacaniano, a travessia que é o encontro com a puberdade na adolescência. Em seguida, delimito a particularidade da errância entre os adolescentes com trajetória infracional com ênfase no tema do desejo anônimo, que considero central na abordagem dos casos de jovens em errância. Concluí, a partir do caso apresentado e das reflexões tecidas, que especialmente nos casos em que o adolescente se encontra desparticularizado no campo do Outro — o que configura uma condição propícia à errância — é preciso sustentar a proposta de inserir o sujeito na ordem do desejo, que inclui tanto a sua responsabilidade subjetiva como a construção de um Outro menos nocivo, menos desértico.

Referência bibliográfica

- Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro, Brasil: Contra Capa.
- Bemfica, A (2017). *A errância entre o desejo e o gozo e sua relação com o ato infracional na adolescência*. Tese não publicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Benjamim, W. (2015). *Baudelaire e a modernidade*. São Paulo, Brasil: Autêntica.
- Brousse, M. (2011). Por que é que ele vem? *Opção Lacaniana*, 2(4), 1-7. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_4/Porque_que_ele_vem.pdf.
- Coutinho, L. (2009). *Adolescência e errância: destinos do laço social contemporâneo*. Rio de Janeiro, Brasil: NAU.
- Douville, O. (2002). Fundações subjetivas dos lugares da adolescência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 23, 76-89. Disponível em: <http://www.appoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista23.pdf>

- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp.117-218). Rio de Janeiro, Brasil: Imago.
- Freud, S. (1908/1996). Moral sexual civilizada e doença nervosa. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. IX, pp.169-191). Rio de Janeiro, Brasil: Imago.
- Freud, S. (1936/1996). Um distúrbio de memória na Acrópole. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXII, pp.233-248). Rio de Janeiro, Brasil: Imago
- Freud, S. (1914/1996). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, p.243-248). Rio de Janeiro, Brasil: Imago.
- Garcia, C. (2011). *Clínica do social*. Belo Horizonte, Brasil: Editora oficina arte e prosa.
- Guerra, A., França Neto, O. (2012). Laço social e adolescência: O pai e a infração. *Psico*, 4(43), 490-499. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/10335/8508>.
- Hoffmann, C. (2004). L'adolescence, du père au père. *Figures de la psychanalyse*, 1(9), 9-12. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-figures-de-la-psy-2004-1-page-9.htm>.
- Julien, P. (2000). *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro, Brasil: Companhia de Freud.
- Kehl, M. (2003). Em defesa da família tentacular. In: Groeninga, G. C. y Pereira, R. C. *Direito de Família e Psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro, Brasil: Imago.
- Lacan, J. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J., *Escritos* (pp.96-104). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1956-1957/1995). *O seminário, livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O seminário, livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Lacan, J. (1964/1996). *O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964-1965/2006). *O seminário, livro 12. Problemas Cruciais para a psicanálise*. Aula de 15/05/65. Publicação para circulação interna. Recife, Brasil: Centro de Estudos freudianos do Recife.
- Lacan, J. (1973-1974/1995). *O seminário, livro 21: Os não tolos erram*. Livro: 12 J- Estante 2/Prateleira 3. Bahia, Brasil: Edição Pirata.
- Lacan, J. (1969/1998). Nota sobre a criança In: Lacan, J. *Escritos* (pp.369-370). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1971/2009). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1974/2003). Prefácio a *O despertar da primavera*. In: Lacan, J. *Outros escritos* (p.272-274). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lesourd, S. (2004). *A construção do adolescente no laço social*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Miller, J. (2011). *Perspectiva dos escritos e outros escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Poli, M. (2002). De volta para casa. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 23, 48-54. Disponível em: <http://www.apoa.com.br/download/revista23.pdf>.
- Ramírez, M. (2014). Apresentação do livro: “Despertar da adolescência. Freud e Lacan leitores de Wedekind”. *Opção Lacaniana*, 5(15), 1-19. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Apresentacao_do_livro.pdf.
- Ramírez, M. (2014). *Despertar de la adolescência. Freud y Lacan, lectores de Wedekind*. Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- Wedekind, F. (2014). *O despertar da primavera*. Trad. Sheila Ewert. Adapt. Zé Henrique de Paula. Disponível em: <http://www.teatrosemcortinas.ia.unesp.br/Home/HistoriadoTeatroMundial33/o-despertar-da-primavera.pdf>

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /

Para citar este artigo (APA):

Guimarães Bemfica, Aline (2018). A errância entre o desejo e o gozo: uma reflexão a partir do trabalho com adolescentes autores de atos infracionais. *Revista Affectio Societatis*, 15(28), páginas 13-34. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeonlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>